

VITRINE DE CURIOSIDADES

CILÍCIO

Metal

Século XIX

MAHR2019376

Então pagará o Sol o cilício que não pôs, a Lua a disciplina que não tomou, as Estrelas a oração que não fizeram... (Bartolomeu do Quental, Sermão do Juízo, 1694)

Assumindo, inicialmente, a forma de túnica, vestimenta ou cordão, então urdidos com ásperos e grosseiros pelos de cabra, o cilício materializava o sacramento da penitência, numa reconciliação que, em expiação dos pecados, se queria mortificada.

Instrumento de disciplina, a pretender cingir e apertar o corpo, para que, desafogado das opressões terrenas, fosse ao espírito permitido respirar, passou a assumir também a forma de corrente ou cinturão metálico, colocado em torno dos músculos da coxa, do braço ou da cintura, como acontece no caso do exemplar exposto. Estava dotado de pequenos espigões que, mais rombos ou mais aguçados, apenas marcavam a pele ou a rasgavam, deixando o sangue gotejar.

Utilizado desde os primeiros tempos do cristianismo por figuras que, como São João Batista, São Jerónimo de Estridão ou Santo Agostinho de Hipona, pretendiam completar o sofrimento de Jesus Cristo; tornou-se comum no quotidiano monástico de, sobretudo, beneditinos e franciscanos. Um sofrimento voluntário que o paradigma penitencial e cristocêntrico da Idade Média fez extravasar das cercas dos conventos e mosteiros, para se alastrar por toda a sociedade da Europa ocidental.

Trazido *à raiz da carne* somente em alturas específicas do calendário litúrgico ou, ao longo de toda uma vida, imperadores, bispos e pensadores com ele se fizeram enterrar ou deixaram-no em testamento.

Atualmente, ainda se conhece o uso do cilício no seio de algumas ordens religiosas como, por exemplo, a dos carmelitas descalços e a dos cartuxos.

Dos cinco cilícios à do guarda do Museu de Angra do Heroísmo e integrados na Coleção de *Têxteis*, sub-coleção de *Acessórios Religiosos*, este é o de maiores dimensões (7 x 77 cm); segundo a documentação encontrada, terá sido incorporado, através de uma doação, cujo anonimato foi solicitado, no ano de 1952, e deverá ter pertencido a uma monja Clarissa do extinto Convento de São Gonçalo de Angra do Heroísmo.